

REDE DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM CAMPOS: EDUCAÇÃO E SUSTENTABILIDADE NUM MUNDO EM PÓS-MODERNIZAÇÃO.

Hélio Gomes Filho (CEFET Campos)
Margarida Maria Mussa Tavares Gomes (CEFET Campos)

RESUMO:

Este artigo tem por objetivo relatar resultados preliminares de uma pesquisa que busca identificar o estado em que se encontra a rede espontânea de educadores ambientais de Campos dos Goytacazes e sua região polarizada, localizada no extremo norte do Estado do Rio de Janeiro. Pretende investigar a qualidade e a frequência das relações entre os membros dessa rede e busca ainda desvendar os principais aspectos referentes à percepção ambiental e o verdadeiro compromisso dos diversos membros do Conselho Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo de Campos (CMMAU) para com a sustentabilidade, bem como o seu papel na descentralização do poder e no controle social. Esta pesquisa surgiu da necessidade de se identificar os atores envolvidos em educação ambiental em Campos e sua região para subsidiar a seleção de candidatos ao Curso de Especialização em Educação Ambiental do Centro Federal de Educação Tecnológica de Campos. Isso porque há o interesse de se ter o máximo de proveito na formação desses especialistas, além de uma distribuição espacial equilibrada dos mesmos. Sendo assim, o diagnóstico frequente da rede de educadores ambientais nos permitirá avaliar as necessidades dela e a nossa capacidade de intervenção por meio da ação dos nossos egressos. Nela utilizamos como método de pesquisa a história oral, que permite registrar, através de depoimentos gravados, a memória dos atores que constroem o cotidiano do pensamento e da ação ambiental nesta cidade. Esse método garante a documentação de uma série de idéias e propostas pulverizadas e que se perderiam na medida em que o tempo passa. Utilizamos o conselho municipal de meio ambiente como ponto de partida para chegar à rede mais ampla que opera ações e debates em torno da questão ambiental. Pretendemos, ainda, construir um banco de dados georreferenciado dos atores com destacado papel na construção do cenário ambiental nesta região. Esse cadastro será disponibilizado para os membros dessa rede e também para instituições interessadas em desenvolver projetos em educação ambiental. Finalmente, destacamos a necessidade de uma metodologia de pesquisa que supere o paradigma moderno de ciência, pois as redes sociais só são perceptíveis na sua plenitude

se estudadas de forma global, segundo uma abordagem sistêmica. Identificamos também o aumento significativo do desempenho das redes sociais neste ambiente pródigo em tecnologias, que alguns pensadores chamariam de mundo pós-moderno.

PALAVRAS-CHAVE: Redes Sociais, Democracia Participativa, Educação Ambiental.

ABSTRACT:

This paper aims at reporting preliminary results of a research that search to identify the situation of the environmental educators' spontaneous network in Campos dos Goytacazes and its polarized area, a city located in the northern area of the State of Rio de Janeiro. It also intends to investigate the quality and the frequency of the relationships among these network members and to search to unveil the main aspects regarding the environmental perception and the true commitment with the sustainability of the several members of Municipal Council of Environment and Urbanization of Campos (CMMAU) and its role in the power decentralization and in the social control. This research had origin in the need of identifying the actors involved in environmental education in Campos and its area to subsidize the selection of candidates to the Course of Specialization in Environmental Education of the Federal Center of Technological Education of Campos. There is also the interest to take the maximum of advantage in these specialists' education, as well as to promote a balanced space distribution of such social actors. Furthermore, the frequent diagnosis of the environmental educators network will allow us to evaluate the network needs and our intervention capacity through the new professionals' action. Our research method was the oral history, which makes possible to register, through recorded depositions, the actors' memory that build the daily of the thought and action environmental in this city. This method guarantees the documentation of a series of fragmented ideas and proposes that would get lost as time goes by. We used the environment municipal council as the starting point to arrive to the widest network that operates actions and debates around the environmental issue. We intend still to build an actors' georeferenced database with outstanding role in the construction of the environmental scenery in this city. This register will be made available for the network members, and also for institutions interested in developing environmental education projects. Finally, we point out the need of a research methodology that overcomes the modern science paradigm, because the social networks

are only perceptible in their fullness if studied in a global way, through a systemic approach. We also identified the significant social networks performance increase in this world full of technologies, which some thinkers would call post-modern world.

KEYWORDS: Social Networks, Sharing Democracy, Environmental Education.

INTRODUÇÃO

Em Esmeraldina, cidade aquática, uma rede de canais e uma rede de ruas sobrepõe-se e entrecruza-se. Para ir de um lugar a outro, pode-se sempre escolher entre o percurso terrestre e o de barco: e, como em Esmeraldina a linha mais curta entre dois pontos nunca é uma reta mas um ziguezague que se ramifica em tortuosas variantes, os caminhos que se abrem para o transeunte não são dois mas muitos, e aumentam ainda mais para quem alterna trajetos de barco e trasbordos em terra firme. (CALVINO, 1990, p. 83)

Este artigo tem por objetivo relatar resultados preliminares de uma pesquisa que busca identificar o estado em que se encontra a rede espontânea de educadores ambientais de Campos dos Goytacazes e sua região polarizada, localizada no extremo norte do Estado do Rio de Janeiro. Pretende, ainda, investigar a qualidade e a frequência das relações entre os membros desta rede. Busca, também, desvendar os principais aspectos referentes à percepção ambiental e o verdadeiro compromisso, para com a sustentabilidade, dos diversos membros do Conselho Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo de Campos (CMMAU) e o seu papel na descentralização do poder e no controle social.

A investigação que se procede nesta pesquisa busca compreender a interação do processo de formação de uma rede social e suas imbricações com o poder constituído, através do controle social exercido por um conselho de natureza pública, num cenário em que o questionamento de um possível processo de descentralização nos remete às seguintes conjecturas:

1. A existência de uma rede de educação ambiental espontânea – ampla e espacialmente polarizada em Campos –, detentora de numerosos nós (atores sociais), além de ter uma densidade de ações significativas na cidade de Campos – RJ e na sua região adjacente;

2. Uma ambiência de percepção ambiental fragmentada, descomprometida e, por vezes, antagônica dos diversos membros do Conselho Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo de Campos, e
3. A necessidade de se estruturar uma rede de educação ambiental em Campos e região para conferir sustentabilidade, de fato, ao processo de desenvolvimento experimentado nesta região, particularmente no aspecto sócio-ambiental.

METODOLOGIA

A partir da utilização de técnicas de História Oral (MEIHY, 1996), pretende-se identificar quais são os nódulos privilegiados da rede espontânea de educadores ambientais de Campos e começar a desenhar esta teia. O ponto inicial da abordagem será o CMMAU por concentrar um número expressivo de atores sociais que desempenham papéis fundamentais nesta rede.

Muitas informações que membros do conselho detêm de forma isolada e não sistematizada, serão registradas e devidamente cadastradas numa base de dados onde constarão seus endereços físicos e eletrônicos; suas coordenadas geográficas e sua capacidade de interação como membro de uma rede de educadores ambientais. Pretende-se, ainda, elaborar um mapa e um guia para distribuir entre os membros da rede de modo a incrementar a qualidade das conexões.

Decidimos proceder a pesquisa em diversos patamares. O primeiro diz respeito a um segmento do conselho que milita no setor urbano, mais precisamente na discussão de uso e ocupação do solo. Tal escolha se dá pelo fato de Campos, assim como tantos outros municípios brasileiros, estar reformulando seu plano diretor e este é o debate de maior destaque no Conselho, no que diz respeito a políticas públicas, no momento.

CAIU NA REDE TEM QUE PARTICIPAR

Considerações iniciais

A palavra rede, do latim *retis*, tem como significado o entrelaçamento de fios com aberturas regulares que formam uma espécie de tecido. A partir dessa noção de malha, a palavra rede foi, ao longo do tempo, adquirindo novos significados e o conceito de rede transformou-se, nas duas últimas décadas, em uma alternativa prática de organização para troca de informações, articulação institucional e política. “Sempre que olhamos para a vida, olhamos para redes” (CAPRA, 1996, p. 78). Para Castells, rede é "um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta"

(CASTELLS, 2003, p. 566). Derivando deste conceito, as redes sociais são formadas por um conjunto de participantes autônomos que intencionalmente compartilham idéias e recursos em torno de objetivos comuns, e supõem o trabalho colaborativo e participativo.

Configurando estruturas abertas, flexíveis e cadenciadas, com expansão ilimitada, as redes indicam uma nova forma de organização do espaço e representam importantes instrumentos de articulação e mobilização social. Tal concepção está fundamentada “[...] em práticas e princípios democráticos, emancipatórios do ponto de vista político, inclusivos do ponto de vista social, sustentáveis do ponto de vista ambiental, abertos e polissêmicos do ponto de vista cultural” (MARTINHO, 2004, p. 05). Para Castells, “[...] a morfologia da rede é também uma fonte de drástica reorganização das relações de poder” (CASTELLS, 2003, p. 566).

É importante observar que, apesar da natureza horizontal e democrática da rede, é possível que alguns nós se destaquem em função do nível de participação ou de um grau maior de conhecimento. Tomando por base o pensamento de Foucault, de que existem fios invisíveis cruzando o tecido social e a relação que ele estabelece entre saber e poder, é possível que alguns nós da rede possam exercer uma espécie de “poder” sobre os outros, permitindo-lhes, inclusive, algum tipo de transformação. Para Foucault:

[...] o poder não é uma coisa, algo que se toma ou se dá, se ganha ou se perde. É uma relação de forças. Circula em rede e perpassa por todos os indivíduos. Neste sentido não existe o “fora” do poder. Trata-se de um jogo de forças, de luta transversais presentes em toda sociedade (SAMPAIO, *on line*).

Segundo seu aspecto formal aparente, a rede é um conjunto de pontos – ou nós – que se ligam a outros pontos através de linhas. O desenho da rede, ainda que a forma seja um fator decisivo, não é suficiente para explicar a rede como um sistema com propriedades e modo de funcionamento próprios. É importante examinar, principalmente, o modo como se dão as interações existentes ou presumidas entre os nós, pois as redes são estruturas dinâmicas, de configuração flexível e regida por mecanismos de auto-regulação. A rede “aparece” quando deslocamos o olhar das coisas e observamos a ligação entre elas. A dinâmica da rede resgata a possibilidade de se vivenciar nas relações sociais e políticas os princípios democráticos. Além disso, tem implicações diretas no debate sobre desenvolvimento local, visto que, para ser includente e

emancipatório, um processo de desenvolvimento precisa viabilizar o *empowerment* dos atores sociais responsáveis por conduzi-lo.

A vocação pós-moderna das redes sociais

As redes sociais neste início de milênio, momento em que modernidade aparenta ceder terreno para a pós-modernidade¹ num duelo diuturno, nos despertam a primeira vista dois ângulos distintos de observação deste processo.

De um lado temos a abordagem metodológica que no paradigma moderno seria basicamente uma perspectiva mecanicista e, conseqüentemente, fragmentada de partes da rede em confronto com uma visão epistemológica mais integradora, que surge superando o paradigma de ciência moderna, que trataria os objetos de estudo, no caso as redes, mediante uma abordagem sistêmica. Esta corrente de pensamento, segundo Fritjof Capra, surge na primeira metade do século passado, tendo como pioneiros os biólogos, sendo enriquecida mais tarde pela psicologia da Gestalt e pela Ecologia (CAPRA, 1996, p. 33).

Outro ângulo que também se insinua à nossa observação diz respeito ao arsenal tecnológico disponível aos atores que constroem e operam estas redes. Ou seja, o domínio sobre o tempo e o espaço que, segundo David Harvey (2001, p. 221), começa a se constituir exatamente no início da era moderna e experimenta uma progressão espantosa a partir da massificação das telecomunicações, permite maior difusão do acesso à ubiqüidade. Essa aniquilação do espaço (particularmente da variável distância) e a quase anulação do tempo em uma série de processos de comunicação, mereceu do mesmo Harvey (2001) a denominação de condição pós-moderna.

O paradigma da ciência moderna se fundamenta na racionalidade baseada na fragmentação das partes do fenômeno e no estudo especializado e funcionalista de cada uma destas partes. Esta abordagem metodológica implica numa leitura das redes sociais que padece de uma “simplificação analítica” que em muito empobrece a densidade e

¹ A modernidade, que segundo Kurz (1997, *on line*) é uma amálgama do pensamento iluminista com a revolução francesa e o início da industrialização, sofre profundas alterações no seu substrato a partir do último quarto do Século XX. Mudanças que têm como principal catalisador o cenário das novas tecnologias de comunicação e produção de bens e serviços. Este novo ambiente civilizatório passa então a ser chamado por alguns pensadores de pós-modernidade. Embora não haja consenso em torno deste conceito, já que alguns estudiosos considerem que a modernidade ainda não tenha sido superada, utilizaremos esta denominação tentando evitar esta polêmica. Afinal, a superação da modernidade talvez ocorra de forma fragmentada, dissimulada e descontínua não nos permitindo percebê-la claramente em todos os lugares, nos mais diversos momentos e essa condição talvez seja mais um ingrediente do nosso caótico e entrópico processo de civilização.

diversidade dos resultados da investigação, uma vez que ao isolar partes da dinâmica da rede acaba deixando escapar nuances e movimentos perceptíveis, apenas, mediante a visão do sistema como um todo.

A ruptura com este tipo de abordagem se torna necessária e aponta para um tratamento global do universo da rede. Ou seja, a fim de compreendermos, de fato, a dinâmica de uma rede social torna-se fundamental mergulharmos no “caos organizado” que rege as relações dos diversos atores que processam as conexões, que têm como resultado a produtividade social das redes espontâneas e que atuam num determinado espaço.

A investigação da rede, portanto, requer uma mudança de paradigma epistemológico e alça um novo patamar que respeita e valoriza a “desorganização” sistêmica do objeto. Isto ocorre na medida em que reconhecemos que o método analítico cartesiano, inadvertidamente, deixa escapar uma série de variáveis e ocorrências, que somente se manifestam quando a observação se dá em todo o sistema, de forma integrada e sob a égide do movimento.

A concepção de mundo finito e as mudanças do homem medieval para com o mundo além da cidade-nação feudal, trazem um novo desafio para uma sociedade que começa a se industrializar e inicia o processo de excedente de produção. Ora, o aumento de produção e produtividade tem como objetivo e conseqüência a busca de outros mercados consumidores e um ritmo crescente de acumulação. Portanto, vencer o espaço em tempos cada vez menores se constitui num dos principais fetiches do mundo ocidental. Isso começa a se viabilizar a partir da era moderna (Harvey, 2001, p. 220).

Desde então algumas conquistas como, por exemplo, a cartografia e a navegação no renascimento; a ferrovia e indústria automobilística da virada do século XX, permitem o sucesso do capitalismo. A supremacia deste sistema consolida uma verdadeira revolução nas bases de manutenção do poder. O que até então era fundamentado no monopólio dos mitos e das crenças cede terreno para a apropriação do conhecimento, sobretudo no que tange o espaço (Harvey, 2001, p. 221).

Com os avanços da microeletrônica digital, a partir da construção do computador pessoal em meados dos anos 1970 (CASTELLS, 2003, p. 81), a modernidade parece superar objetivos. A velocidade dos chamados fluxos imateriais globais dispara. A segurança e precisão da informação contida neles crescem na mesma proporção. A rede de computadores opera outro fenômeno inédito que varre o planeta. A Internet permite informação segura, instantânea e cada vez mais barata em qualquer lugar. O mundo está *on line*. Todo esse aparato é apropriado pelo capital, entretanto traz como efeito

subjacente a democratização das comunicações para setores que operam redes com interesses bem menos pragmáticos. As redes sociais, em particular as redes de educação ambiental, sejam elas espontâneas ou sistematizadas, se beneficiam destes avanços para potencializar sua conectividade e produção social.

Em outras palavras, as utilidades tecnológicas que prenunciam a superação da modernidade, ao mesmo tempo em que diluem e fragmentam o poder sobre o território, conferem mais poder de comunicação e capacidade de intervenção às redes sociais. Não há como negar o poder de conectividade atual destas teias a partir da Internet. Desta forma, as redes permitem o caldeamento e a reintegração das relações que se fragmentaram² devido ao que Harvey chamou de condição pós-moderna.

As redes e a democracia participativa

As redes, mesmo que de forma assistemática e inconsciente, são instrumentos eficazes na promoção da coesão social. Ao mesmo tempo em que são espaços de fluxos de informação, funcionam como um complexo capilar promovendo o arrefecimento e a diluição do poder constituído no espaço em que atuam. Dependendo do sentido da ação sinérgica dos seus nós, os detentores do poder podem ver seus interesses potencializados ou seriamente contrariados pelas redes sociais. Assim sendo, uma rede de educação ambiental pode ser um poderoso indutor no processo de democracia participativa num determinado local.

Félix Sanches (RUIZ SANCHES, 2002, p. 09 – 11) ao dissertar sobre as bases do pensamento que fundamenta democracia e participação, neste início de século, nos revela quatro correntes que, embora diversos sejam os argumentos, defendem a participação institucionalizada. Do tradicional ao moderno; sejam liberalizantes ou intervencionistas todos, sem exceção, vêem na participação uma saída para as lacunas existentes na democracia representativa.

Na visão de Castells, o partido verde alemão traz no seu cardápio de inovações a concepção da participação na política, segundo ele: “O programa partidário tratava de temas como ecologia, paz, defesa das liberdades, proteção às minorias e aos imigrantes, feminismo e democracia participativa” (CASTELLS, 1999, p. 152). Outra observação oportuna deste pensador catalão diz respeito à contribuição precoce, segundo ele, de

² “Essa efemeridade, sugere Toffler, cria ‘uma temporariedade na estrutura dos sistemas de valores públicos e pessoais’ que fornece um contexto para a ‘quebra de consenso’ e para a diversificação de valores numa sociedade em vias de fragmentação”. (HARVEY, 2001, 259).

Kropotkin à ecologia política, responsável por tornar a ecologia e o anarquismo definitivamente indissociáveis (CASTELLS, 1999, p. 154). Parece-nos apropriado o cruzamento desta informação com outra característica marcante do pensamento anarquista, que é a oposição à representação política. A democracia participativa é, sem dúvidas, um dos principais pilares do anarquismo. Esta informação de Castells que atribui, também, a esta corrente ideológica o pioneirismo na introdução da questão ambiental na agenda política, nos leva a concluir que as redes de educação ambiental como base da capilarização do debate do conselho de meio ambiente é a consagração do reencontro de duas idéias de mesma gênese.

As redes parecem predestinadas a essa virtude e função: promover o fluxo das informações e repartir entre um número cada vez maior de indivíduos o poder que a organização social representativa concentra nas mãos de poucos. Desta forma, nos parece que conselhos de meio ambiente e redes de educação ambiental, atuando de forma cooperativa, podem produzir um cenário propício à democratização, de fato, do processo de consulta e decisão na gestão ambiental da cidade.

O CMMAU E A MALHA TECIDA NO SEU ENTORNO

Aspectos políticos e institucionais do CMMAU

O CMMAU de Campos é constituído por 28 membros: 14 de instituições governamentais e 14 da sociedade civil. Além desses, existem 28 membros suplentes com a mesma configuração. Este perfil amplo acaba enrijecendo seu funcionamento e, se não fosse a permanente convocação dos suplentes, não haveria quorum para a realização das reuniões. Um aspecto peculiar desse conselho é a presença de entidades pouco representativas ou de natureza estranha aos temas tratados nas reuniões. Há instituições que comparecem a menos de 10% das reuniões ordinárias do CMMAU, que ocorrem com periodicidade mensal. Apesar das dificuldades, neste conselho tramitam discussões de extrema relevância para o município.

Primeira caracterização da rede

Para abordar a rede via CMMAU, estabelecemos duas categorias de nó. Uma delas é formada pelos membros do conselho que foram entrevistados. A outra diz respeito aos atores citados por esses conselheiros como seus contatos em suas redes pessoais. Ou seja: os conselheiros, em suas entrevistas, avaliam sua participação e opinam sobre meio ambiente e sustentabilidade. Num instante seguinte, nos revelam quem são seus

contatos na rede espontânea existente e avaliam o grau de comprometimento de cada um desses com relação à sustentabilidade ambiental.

O conjunto de entrevistados, até o momento, é cerca de um terço dos membros titulares do conselho. Isto é, estamos apresentando, até o presente momento, o resultado de nove em 28 possíveis entrevistados. Cabe observar que o conselho, devido à natureza do seu debate, termina atraindo e consagrando setores da elite da municipalidade.

Na parte fechada da entrevista, os nove conselheiros citam, ao todo, 95 interlocutores.

Tecendo os números da teia

O primeiro ponto da entrevista diz respeito à ligação do conselheiro com a causa ambiental. A maioria, mais precisamente quatro, se consideram multiplicadores desses conhecimentos; três se consideram apenas simpatizantes e somente dois são educadores ambientais³ (tabela 3.1).

Ligação com a causa	Nº	%
Simpatizante	03	33,3
Multiplicador	04	44,4
Educador Ambiental	02	22,2
Total	09	100

Tabela 3.1 – ligação do conselheiro com a causa ambiental.

Com relação à visão de mundo no que se refere às questões ambientais, nos deparamos com uma intrigante indefinição, pois todos os entrevistados se consideram conservacionistas⁴ (tabela 3.2), mesmo assumindo posturas absolutamente divergentes com relação ao conceito de desenvolvimento sustentável. Sabemos da elasticidade

³ Para melhor compreensão deste ponto foi definido para os entrevistados que: **simpatizantes** apenas concordam com a idéia de um meio ambiente mais equilibrado e divulgam isso em suas relações pessoais; os **multiplicadores** por militância ou por profissão desenvolvem atividades que ajudam, de alguma forma, a manter esse equilíbrio e os **educadores ambientais** são professores de disciplinas, em escolas com currículo formal, que debatem e difundem conceitos e métodos que visam à sustentabilidade, sobretudo ambiental.

⁴ Em função das controvérsias em torno destes conceitos foi definido para os entrevistados que: os **preservacionistas** operam com uma visão do meio ambiente bem próximo do intocável, alguns chegam a defender posturas neoluditas; os **conservacionistas** assumem um discurso que propõe um processo de desenvolvimento solidário com as gerações futuras – seria a corrente mais próxima do chamado desenvolvimento sustentável – e os **desenvolvimentistas** não se preocupam com a pressão que o produtivismo do modo de produção capitalista contemporâneo tem imposto aos recursos naturais. Alguns, numa visão cornucopiana, chegam a acreditar que um dia haverá uma tecnologia para solucionar cada mazela ambiental de origem antrópica.

permissiva que este conceito adquiriu desde o seu surgimento e exatamente por isso este resultado não é uma surpresa. Nenhum dos entrevistados admite, em sua fala, um projeto de mundo desenvolvimentista⁵. Mesmo os mais pragmáticos e conservadores acham que seu paradigma civilizatório é sustentável. Já os preservacionistas são mesmo uma espécie de *avis rara*. Não são encontrados facilmente, pois é um discurso difícil de sustentar num mundo exacerbadamente moderno ou, melhor dizendo, pós-moderno. Como e onde praticar a abstinência do consumismo desenfreado e ambientalmente predador? O resultado é que mesmo os mais fundamentalistas acabam se apresentando como uma espécie de conservacionista extremista e nesse ritmo somos todos irmãos. Nos mais variados graus, é claro.

Visão de mundo	Nº	%
Preservacionista	0	0
Conservacionista	09	100
Desenvolvimentista	0	0
Total	09	100

Tabela 3.2 – visão de mundo do conselheiro.

A ligação dos interlocutores com a causa ambiental se revela mais intensa do que a dos próprios conselheiros. (tabela 3.1 x tabela 3.3) Tal fato se evidencia na gangorra que se estabelece entre as duas categorias de atores. Com relação à condição de simpatizante, aparecem 33,3% dos conselheiros contra 8,4% dos interlocutores. Já em relação à condição de educadores ambientais, temos 46,3% dos interlocutores que assim se assumem contra 22,2% dos conselheiros.

Ligação com a causa	Nº	%
Simpatizante	08	8,4
Multiplicador	43	45,3
Educador Ambiental	44	46,3
Total	95	100

Tabela 3.3 – ligação dos interlocutores dos conselheiros com a causa ambiental.

Antes que os números nos levem a concluir, apressadamente, que a rede é melhor fora do conselho que dentro dele, é preciso que se façam duas ressalvas. Uma primeira nos

⁵ Esta posição “verdejante” em Campos é, ao que tudo indica, universal. Segundo Castells: “Nos anos 90, 80% dos norte-americanos e mais de dois terços dos europeus consideram-se ambientalistas (...)” (CASTELLS, 1999, p. 141).

sugere cautela, pois estamos ainda no início da observação e a amostra pode não ser significativa. Uma segunda, porém, assevera que é relevante observar que, nesta fase inicial da coleta, os conselheiros com posições comunitárias e acadêmicas contribuíram com um número médio de interlocutores (14) bem maior que os conselheiros de caráter corporativo (cinco). Desta forma, a rede formada pelos interlocutores acaba sendo mais representativa que o conselho.

Ao observarmos a visão de mundo dos interlocutores dos conselheiros (tabela 3.4), vemos surgir, na rede, preservacionistas e desenvolvimentistas, contrariando uma assertiva anterior nossa de que esses perfis não eram assumidos. Ratificamos a informação, uma vez que os interlocutores foram qualificados pelos conselheiros e não por um processo de auto-avaliação.

Visão de mundo	Nº	%
Preservacionista	02	2,1
Conservacionista	91	95,8
Desenvolvimentista	02	2,1
Total	95	100

Tabela 3.4 – visão de mundo dos interlocutores dos conselheiros.

As ações da rede dependem, fundamentalmente, da combinação sinérgica da visão de mundo e do potencial de ação dos seus membros. Portanto é preciso que se investigue a capacidade de promover ações desta rede através do potencial de seus nós. A tabela 3.5 nos fornece informações importantes sobre o potencial de fluidez de atividades desta amostra inicial da rede. Segundo os conselheiros, os contatos com seus interlocutores são feitos de forma bilateral em 87,4% das situações. Isso nos permite deduzir que, na grande maioria dos casos, essa rede permitirá uma difusão intensa de ações sem muitos obstáculos e em vários sentidos.

Sentido do contato	Nº	%
Unilateral	12	12,6
Bilateral	83	87,4
Total	95	100

Tabela 3.5 – sentido do contato entre o conselheiro e seu interlocutor.

Outro quesito revelador da participação dos indivíduos na rede é a origem da ação. A tabela 3.6 mostra que os contatos efetuados pelos conselheiros (41%) são em número bem superior aos contatos feitos, exclusivamente, pelos seus interlocutores (12%). Os

membros conselheiros são, portanto, os principais responsáveis pela fluidez da rede. Sendo assim, pelo menos nesta amostra inicial, o conselho estaria exercendo sua função precípua e orgânica que é a descentralização de informações e poder.

Promotor do contato	Nº	%
Conselheiro	34	41,0
Interlocutor	12	14,4
Ambos	37	44,6
Total	83	100

Tabela 3.6 – responsável pelo contato na rede.

A frequência com que o conselheiro se relaciona com seus interlocutores é uma variável importante no que diz respeito ao tempo de ação e de reação da rede. Como podemos ver na tabela 3.7, este aspecto é promissor, pois a maior parte dos contatos – 54,7% – se dá semanalmente (37,9%) ou diariamente (16,8%). Desse modo, podemos atestar um potencial bastante satisfatório, nesta rede, no que tange à sua capacidade na agilidade dos seus fluxos.

Frequência do contato	Nº	%
Anual	01	1,1
Semestral	08	8,4
Mensal	34	35,8
Semanal	36	37,9
Diária	16	16,8
Total	95	100

Tabela 3.7 – frequência do contato entre conselheiro e interlocutor.

É importante ressaltar que as assertivas contidas neste tópico, em torno das sete tabelas apresentadas, se limitam ao campo das expectativas e da identificação de potenciais, apontando diretrizes identificadas através dos indicadores levantados.

Discursos que os números não revelaram

[...] pois que as palavras receberam a tarefa e o poder de “representar o pensamento”. Mas representar não quer dizer aqui traduzir, dar uma versão visível, fabricar um duplo material que possa, na vertente externa do corpo, reproduzir o pensamento em sua exatidão (FOUCAULT, 1999:107).

Por mais que se esquive e se mascarem as verdadeiras intenções escondidas sob um determinado discurso, é chegado um momento em que a contundência das circunstâncias nos obriga a mostrar uma faceta que o jogo social parece não admitir. Os conselhos municipais de meio ambiente não estão imunes a este jogo. Ao contrário, como todos se dizem conservacionistas, este é um ambiente bem mais propício a máscaras e encenações. É difícil saber o que está por trás de certas pregações. Embora não seja a nossa intenção proceder a análise do discurso dos entrevistados, não podemos nos furtar de investigar situações e posturas reveladas pelos conselheiros que ouvimos. Não se trata, porém, de se fazer um julgamento das pessoas e sim identificar, nas suas intervenções, trechos que revelem um pouco mais do que se professa.

Um dos aspectos mais relevantes e digno de comentário se refere à pergunta sobre quem os conselheiros consideram ser o gestor ideal de uma possível rede de educação ambiental sistematizada em Campos. Não obstante a pluralidade e representação pública da prefeitura, a maioria deles – seis conselheiros, exatamente – não consideram esta a instituição ideal para desempenhar tal função. Apenas 3 conselheiros admitem que este papel deveria ser da secretaria municipal de meio ambiente ou do próprio CMMAU, no entanto o fazem com ressalvas e até com certa relutância. O mais intrigante é que o representante da Prefeitura de Campos, gerente de infraestrutura, cargo de confiança lotado no gabinete do prefeito de Campos, entende que não deve ser a prefeitura. Será que uma das funções da Secretaria Municipal de Meio Ambiente não seria gerir uma rede que tem como objetivo precípuo promover a educação ambiental no município? Para dizer o mínimo, paira uma enorme dúvida sobre a credibilidade do conselho e da prefeitura, enquanto instituição, entre os próprios conselheiros.

Sobre a regulação urbana e a reformulação do plano diretor temos um par de depoimentos interessantes de se comparar. Primeiro por se dar entre dois representantes de categorias ligadas ao mesmo segmento, isto é, o representante da associação dos arquitetos e engenheiros (Anfea) e o representante do sindicato patronal da indústria da construção civil (Sinduscon-NF). Segundo, e até em consequência do primeiro, pelo clima de futuras disputas que os depoimentos prenunciam. Enquanto o representante da ANFEA denuncia abusos por parte do setor privado no uso e ocupação do solo urbano em Campos o representante do sindicato patronal faz uma intervenção concisa, tangenciando a omissão dos problemas existentes nesta área. Limitando-se apenas a enfatizar a importância do plano e criticar a inapetência do poder executivo municipal em promover a reformulação do plano diretor de Campos.

Para concluir, vale destacar uma intervenção de um dos representantes do poder executivo municipal no CMMAU ao emitir sua opinião sobre o conselho e sua relação com a comunidade e o poder executivo. Ele se queixa de falta de pragmatismo no conselho e acha que ele avança pouco.

Ora, se o conselho tem avançado pouco, qual é o grau de comprometimento do poder executivo municipal com esse avanço? A crítica parece vir de um cidadão que não tem nenhuma responsabilidade nos desmandos das autoridades constituídas e nos golpes que a participação popular vem sendo vítima há algumas gerações. A sociedade é desmotivada. Pode até ser, contudo isso não isenta o poder público municipal dos seus erros, omissões e arroubos de autoritarismo. Muito menos isenta os poderes públicos, nos seus diversos níveis, quando cortejam os interesses privados se comportando como instrumentos do consentimento e da oficialização da pilhagem do patrimônio público. Seja o natural ou cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

– Sim, o império está doente e, o que é pior, procura habituar-se às suas doenças. O propósito das minhas explorações é o seguinte: perscrutando os vestígios de felicidade que ainda se entrevêem, posso medir o grau de penúria. Para descobrir quanta escuridão existe em torno, é preciso concentrar o olhar nas luzes fracas e distantes (CALVINO, 1990, p. 57).

As redes sociais têm desempenhado um papel fundamental na criação de condições de comunicação e solidariedade entre os indivíduos que optam por esse tipo de organização. Mesmo que essa opção seja como uma onda que arrasta. Mesmo que seja mais uma imposição que uma escolha. Mesmo que a organização careça de racionalidade técnica. Não obstante este cenário, o processo de compreensão e de gerenciamento dos fluxos de uma rede pode operar mudanças profundas em sua rotina e proporcionar resultados mais sinérgicos e ainda melhores.

Conectar uma rede social a mecanismos institucionais de participação é outro fator que pode potencializar ainda mais os efeitos de uma rede, além de abrir novos horizontes para os seus componentes e imprimir novo sentido à produção coletiva da teia.

O Conselho Municipal de Meio Ambiente de Campos, embora tenha sofrido alguns percalços ao longo do tempo, apresenta um potencial de rede de apoio com um grau de

diversidade promissor. Percebe-se um discurso cuja característica marcante é a boa vontade dos participantes. Há, também, é claro, uma identificação de alguns membros do conselho com práticas desenvolvimentistas e conservadoras, todavia esta polarização é própria da sociedade, que é plural. Neste ponto, o Conselho apresenta a virtude de ser fiel ao perfil de comunidade de onde emanam os seus componentes. Espera-se que esta representação, aparentemente propensa ao conflito, permita que no interior deste órgão se trave um debate maduro. Um debate em que a negociação e o espírito público sejam a tônica. Um processo de negociação que privilegie a participação e a solidariedade em detrimento do predomínio e da subjugação. Prevalecendo o equilíbrio, onde o mais forte tenha capacidade e grandeza de usar seu poder para ceder espaço, no momento preciso, em favor do mais fraco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CALVINO, Italo. **As cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das letras, 1990. 150 p.
2. CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura v.1, 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. 698 p.
3. CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. A era da informação: economia, sociedade e cultura v.2. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 532 p.
4. CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida: uma nova compreensão dos sistemas vivos**. São Paulo: Editora Pensamento – Cultrix LTDA, 1996, 256 p.
5. FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. – (Coleção tópicos), 541 p.
6. HARVEY, David. **Condição pós-moderna**, 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001. 349 p.
7. KURZ, Robert. **A origem destrutiva do capitalismo: modernidade econômica encontra suas origens no armamentismo militar**. Tradução de José Marcos Macedo. Disponível em: <http://sites.uol.com.br/isabelapa/kurz/kurzorigemdestrutiva300397.htm>, 1997. Acesso em: 26 dez. 2002. 07 p.
8. MARTINHO, Cássio. **Redes: uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização**, 2 ed. Brasília: WWF – Brasil, 2004, 164 p.
9. MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**, 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 111 p.

10. RUIZ SANCHES, Félix. **Orçamento Participativo: teoria e prática.** São Paulo: Cortez, 2002. Coleção Questões da Nossa Época; v. 97. 119 p.
11. SAMPAIO, Laura Fraga de Almeida. **A Temática Saber/Poder em M. Foucault.** Disponível em <http://www.sedes.org.br/Centros/Filosofia/a_tematica_saber.htm>. Acesso em 13/03/2006.

Hélio Gomes Filho gomes-filho@uol.com.br
Margarida Maria Mussa Tavares Gomes